

O Encanto pelo Museu

Era manhã de uma quarta-feira quando tomei um coletivo que atravessou ruas e avenidas da zona sul de São Paulo em direção ao bairro do Ipiranga, a travessia fora longa, aproximadamente duas horas. O destino final era o imponente museu paulista da Usp, o popular museu do Ipiranga, cravado no bairro de mesmo nome e rodeado pelo parque da independência, de árvores frondosas e verde relaxante.

Saltei um pouco adiante do portão de entrada, voltei alguns passos e ansioso por chegar tanto quanto trêmulo de emoção pela beleza do conjunto da obra, atravessei o parque. Após os degraus de uma escadaria, a praça do monumento. Poderia descrever todos os personagens históricos eternizados em pedra pelos espaços que constituem a área do museu, ou os objetos que fazem o acervo interior do edifício monumento. Não bastaria.

A caminhada pelo jardim sob os tímidos raios de sol daquele dia, os bancos a disposição, que prontamente usei dada a preguiça a que de costume se referem aos taurinos como eu, a espera do momento de adentrar as salas de visitaçã. Fui a instituição com o objetivo de participar de um curso, ofertado inicialmente ao público da terceira idade, pelo programa de estudos da USP, mas com possibilidades de presença de outros participantes, as aulas seriam ministradas por Miyoko Makino, professora e historiadora do museu entre 9 de setembro a 11 de novembro de 2009.

Os cuidados quase sagrados dos profissionais do jardim impressionavam, havia delicada harmonia entre a natureza crescente e o projeto arquitetado há anos. Aos cantos, podas de árvores, em vários pontos flores colorindo o ambiente e sendo o prazer dos pássaros . Ao centro, os espelhos d'água a inspiração estrutural francesa.

As passagens entre o jardim e o museu sempre movimentadas, a vida ativa destoando da efêmera movimentação da metrópole cinza entre a qual o conjunto do museu resiste e insiste em lembrar a memória de um passado longínquo e orgulhoso. Neste dia o público ao redor contemplava os diversos sentidos daquele lugar, do lazer espontâneo de simplesmente caminhar ao ar livre, a prática de esportes ou a própria observação da cultura material exposta aos visitantes, leigos ou profissionais. Um mundo em visita! Pássaros alheios pousam no jardim, as fontes brilhavam cristalinas, o riacho quase não se via. Visitantes chegavam a todo momento e alguns diziam triunfantes, é o museu mais visitado de SP. Olhares se cruzavam e se atentavam a uma direção, a entrada do edifício.

Alguém finalmente se aproximou, sentou ao meu lado e logo de início, um fato comum, tínhamos o mesmo objetivo, o curso "Museu Paulista e suas Exposições". Ah, esse museu tão importante pra cidade, não ? Vê a quantidade de estrangeiros que passam por aqui? É um orgulho pro país inteiro ! Indagou-me a mulher, futura companheira de classe.!

Aqui se vê os guardiães da história, o Ipiranga é um museu histórico, há mais que arte, há o cultivo da memória.... A caso do grito parece de fato reclamar algo oculto, ou quase esquecido, um detalhe menos pomposo de nossa história. Se não grita, insinua com sua presença, o que a grande história não registrou.

Ir ao mais paulista dos museus, foi encantador e não deixou de gerar reflexões. A união entre índios e portugueses romanticamente pintado na primeira sala, conversava com as gigantes e imponentes figuras dos bandeirantes, tão amado por paulistanos mais tradicionalistas e controversos nas atuais páginas dos livros escolares. Todo o acervo era

um primor : os recipientes contendo a água de vários de nossos rios, estrategicamente postos ao longo da escada que leva a imagem do Imperador D. Pedro I e toda a evocação dos feitos do movimento da independência.

Não se pode esquecer, da ala dos carros públicos, do café, do vestuário de época, dos ferros de passar roupas, das grandes telas históricas, sem deixar de nomear entre elas a tela "O Grito do Ipiranga", de Pedro Américo, a nos intimar "Independência ou Morte!", embora minha predileção fosse outra, confesso. A tela sobre Maria Quitéria me comovia mais, um baiana representada no espaço de orgulho dos paulistas. Tela de Domenico Faillut.

A aula, numa sala pequena mas aconchegante, contendo na lateral retratos da parede de seus diretores (as), reuniu pouco mais de 12 pessoas, de idades bem variadas, todos curiosos pelos séculos de história e memória. Aos poucos fomos desvendando os mistérios daquele espaço, a partir da narrativa valiosa da professora e da visita aos espaços. Entusiasmado voltei para outros encontros, sempre novas descobertas, novas histórias sobre um lugar constantemente revisitado e cheio de marcas, do passado e do presente.

Adquirir um exemplar da revista, anais do museu paulista vol. 10/11, edição simbólica, cujos artigos versavam sobre a construção, contratação de pessoal e acervo do museu. Material precioso, creio que edição esgotada, fomos especialmente contemplados com tal oportunidade. Minha história no Museu Paulista foi encanto e aprendizagem.